

## VALENTINA VAI ALÉM: A VOZ DO TRADUTOR EM ASSEMBLEIA DAS MULHERES DE ARISTÓFANES<sup>\* \*</sup>

Ana Maria César Pompeu<sup>\*\*\*\*</sup>

**Resumo:** *Assembleia das mulheres (393/2 a.C.) é a décima peça que nos chegou de Aristófanes, único comediógrafo da Comédia Antiga grega cujos textos estão completos. É a primeira do século IV a.C. e apresenta modificações formais importantes em relação às comédias do século V a.C. Em português, temos duas traduções mais difundidas da peça: uma de Portugal, de Maria de Fátima Silva, *As mulheres no parlamento* (1988), e outra do Brasil, de Mário da Gama Kury, *A revolução das mulheres* (1988/1964). Analisaremos ambas, com ênfase na atuação de Valentina, que continua em cena e atua na conclusão da peça, na versão de Mário da Gama Kury, que relê e reescreve o texto de Aristófanes, no qual a protagonista é retirada da cena final.*

**Palavras-chave:** *Aristófanes; tradutor; Assembleia das mulheres, Valentina.*

### VALENTINA GOES FURTHER: THE VOICE OF THE TRANSLATOR IN THE ASSEMBLY OF THE WOMEN OF ARISTOPHANS

**Abstract:** *Women's Assembly (393/2 BCE) is the tenth piece that came to us from Aristophanes, the only comedigrapher of the Ancient Greek Comedy that left us full texts. It is the first of the fourth century BC and presents important formal changes in relation to the comedies of the fifth century BC. In Portuguese, we have two most widespread translations of the play: one from Portugal, by Maria de Fátima Silva, *Women in Parliament* (1988), and another from Brazil, by Mário da Gama Kury, *The Women's Revolution* (1988/1964). We will analyze the two translations with emphasis on the performance of Valentina, who continues on the scene and acts in the conclusion of the play, in the version of Mário da Gama Kury, which reread and rewrites the text of Aristophanes, in which the protagonist is removed from the final scene.*

---

\* Recebido em: 28/12/2021 e aprovado em 20/02/2022. Comunicação apresentada no XV Congresso da Abralic em 2017, com o título: *Valentina vai além: desleitura e desescrita de Assembleia de mulheres de Aristófanes.*

\*\* Professora titular da Universidade Federal do Ceará. Projeto de pesquisa atual: *A comédia educa Atenas em Nuvens e Vespas de Aristófanes.* Orcid: 0000-0002-5688-7734.

## **Introdução**

### **A lamparina e o plano**

O prólogo de *Assembleia das mulheres* apresenta Praxágora, que espera impaciente a chegada das mulheres com as quais havia combinado encontrar-se. Os 18 versos iniciais do monólogo de Praxágora, que apresentaremos a seguir na nossa proposta de tradução, foram cortados da tradução de Mário da Gama Kury, que traduz Praxágora por Valentina. Trata-se de uma apologia à lamparina, como uma confidente dos segredos femininos, sejam eles amorosos, de depilação, que era feita com as chamas da lamparina, ou de assalto à despensa (em vez da geladeira de hoje), especialmente pelo vinho, a que as mulheres na comédia são extremamente apegadas. Neste trecho, Aristófanes conseguiu retratar o feminino como já fizera nas outras duas comédias e também parodiar os prólogos trágicos:

#### **Praxágora**

*Ó brilhante olho da arredondada lamparina  
belíssima obra em mãos certeiras almejada.  
Tuas origens e destinos mostraremos  
em roda de barro conduzida pela rapidez  
nas narinas tens brilhantes funções de sol.  
Envia de chama os sinais combinados.  
Pois só a ti mostramos com razão, porque  
quando na alcova os modos de Afrodite  
experimentamos perto de nós ficas,  
ao dobrarem-se os corpos, ali está  
o olho teu e ninguém te expulsa do quarto.  
e só tu as secretas profundezas das coxas  
iluminas queimando os pelos fluorescentes.  
E despensas de fruto e de fonte de Baco  
cheias ao abrirmos em segredo estás junto.  
E disso tomando parte não falas aos vizinhos  
Diante disso saberás ainda as tramas atuais*

*que nos Ciros combinei com as amigas. [...]*  
(ARISTÓFANES. *Ekklesiazousai*, vv. 1-18, trad. nossa)<sup>1</sup>

**Praxágora** (à lamparina que agita na mão)

*Ó disco fulgurante... da minha lamparina bem torneada, Obra primorosa de uma mão de artista, É a tua raça e o destino o motivo do meu canto. Modelada na roda do oleiro, em seu rodopio, As tuas narinas de raio de sol têm a função. Envia, com o teu brilho, os sinais combinados. A ti só o podemos confiar; e com toda justiça, porque, quando, na intimidade do quarto, ensaiamos as poses de Afrodite, tu ali estás a nosso lado; e, na hora em que os corpos se dobram no amor, o teu olho lá fica de plantão e a ninguém passa pela cabeça pô-lo pela porta fora. Só tu iluminas as profundezas secretas das nossas coxas, para depilares a penugem que lá floresce. E quando, à socapa, abrimos a despensa bem fornecida de vinhaça e farta de grão, tu és nossa cúmplice. Mas lá por tomares parte nestas andanças, não vais para a vizinhança dar com a língua nos dentes. Aí está porque mereces ser confidente do projecto que anda na forja, O tal que, nos Ciros, ficou alinhavado com as minhas amigas. [...]* (ARISTÓFANES. *Ekklesiazousai*, vv. 1-18, trad. Maria de Fátima Silva)

Aos poucos chegam todas as outras mulheres, e a líder passa em revista as amigas, para ver se realmente estão bem disfarçadas de homens. Elas planejam tomar o lugar dos maridos na Assembleia, chegando mais cedo e sentando-se, para não levantar suspeitas. Todas elas vestiram as roupas dos maridos e saíram às escondidas.

Praxágora faz um ensaio para ver quem vai falar na Assembleia, mas, depois de duas mulheres falharem na tentativa, ela mesma resolve fazer o discurso. Nesse ensaio, ela faz a crítica, já bastante habitual em Aristófanes, sobre a má administração da cidade por maus governantes. Ela reconhece que não é fácil dirigir homens difíceis de contentar, uma vez que o povo teme aqueles que lhe desejam o bem e adula quem lhe faz mal. Fala das medidas salvadoras, as quais, durante a deliberação, são tratadas como se o mundo fosse acabar, no caso de não serem aprovadas, mas que, depois, se tem vontade de matar o autor de tais projetos, por causa da decepção. O povo, porém, é o responsável por tudo, pois cada um só trata dos próprios interesses, deixando a cidade à deriva. A única salvação é entregar o governo

às mulheres, que cuidarão da cidade como cuidam de suas casas. Elas têm costumes melhores que os dos homens, pois são conservadoras, fazem tudo hoje como faziam antigamente. Sendo mães, cuidarão de poupar a vida de seus filhos, dos soldados, evitando as guerras. Para conseguir dinheiro, elas são mais hábeis do que os homens; nos cargos que ocuparão não serão enganadas, já que vivem enganando os homens, conhecem os truques e saberão se defender. Dada a admiração de suas ouvintes, Praxágora explica que aprendeu tais coisas conversando com seu marido sobre o que se passava nas assembleias. Todas as suas companheiras a aprovam e a elegem sua líder. Elas marcham, então, para a Assembleia.

Aparece em cena Blépiro, que, sentindo-se apertado para ir ao banheiro e não tendo encontrado suas roupas, saiu de casa com as roupas de sua mulher, a qual, segundo ele, saíra às ocultas para fazer algo errado. Outro homem também surge vestido com as roupas de sua mulher, contando a mesma história que o primeiro. Os dois pensam em ir ainda à Assembleia.

Entra Cremes, amigo de Blépiro, que também o impede de se aliviar. Ele conta que vem da Assembleia, que dessa vez foi rápida, e ele quase não conseguia lugar, porque havia muita gente. E pelo jeito eram sapateiros, pois eram muito “brancos”. E relata ao amigo que um dos brancos propusera que entregassem o governo às mulheres, elogiando-as e falando mal dos homens. E como a maioria havia aprovado, o projeto foi sancionado. Blépiro se alegra por saber que não irá mais trabalhar, pois sua mulher é quem fará tudo o que ele fazia. Ela o sustentará. Mas fica apreensivo com a possibilidade de ela querer forçá-lo a ser mais assíduo sexualmente, como condição para sustentá-lo, pois nada forçado é bom.

## **As mulheres no governo**

Entra o coro de mulheres, que é composto pelas esposas que voltam para casa e cuidam para que os homens não as vejam retirando o disfarce. Praxágora encontra, na entrada de casa, seu marido Blépiro, que lhe pergunta onde esteve. Ela diz que uma amiga, em trabalho de parto, mandara chamá-la, e, desse modo, não poderia perder tempo, avisando-o. Diz-lhe ainda que vestiu as roupas dele para assustar algum ladrão. Ele se queixa de que ela o impedira de ganhar um bom dinheiro na Assembleia e conta-lhe que o governo fora entregue às mulheres. Praxágora mostra a sua alegria, dizendo que agora a cidade será feliz, pois não será mais permitido

aos oportunistas aproveitarem-se dos cargos públicos para os seus próprios interesses, nem roubar o povo, nem fazer intrigas, nem injuriar, e não haverá mais pobres. Cremes chega, interessado em ouvir Praxágora. O coro vem chamá-la para, por seu espírito lúcido e pensamentos sábios, pôr a sua capacidade de liderança sob o serviço da regeneração dos costumes e da prosperidade geral. A cidade quer mudanças, não quer nada do que já tenha sido feito ou dito: “o povo detesta o que já conhece”.

Ela começa ordenando que todos, dirigindo-se aos espectadores, entreguem seus bens ao governo, para que este os reparta igualmente, e assim não haja ricos e pobres, e todos possam viver bem. As mulheres também serão comuns a todos os homens, mas as feias e velhas terão prioridade de satisfação sobre as mais belas e jovens. O mecanismo será o mesmo para os homens. Para reconhecer os próprios filhos, as crianças julgarão seus pais todos os homens que tiverem idade para isso. Os jovens não poderão mais bater nos velhos, pois todos os companheiros os defenderão pela possibilidade de ser o próprio pai. Os escravos cultivarão a terra. O único trabalho dos homens será se aprontarem para o jantar coletivo, às seis horas da tarde. Não haverá mais intrigas judiciárias: ninguém terá dinheiro para emprestar, logo, não haverá dívidas. Quem arranjar briga pagará a fiança com uma parte do que tiver para comer. Não haverá mais ladrões, pois não roubariam o que já é deles. Todos viverão em comum, a cidade será uma só casa, sem muros, para que todos possam ir aonde quiserem.

### *Praxágora*

*Para começar, todos terão de entregar seus bens ao governo, para que todos tenham partes iguais desses bens e vivam deles; não é inevitável que uns sejam ricos e outros miseráveis; que uns possuam terras sem fim e outros não tenham onde cair mortos; que uns tenham a seu serviço uma porção de escravos e outros não sejam sequer donos de si próprios! Instituiremos uma só maneira de viver, igual para todos! [...] A terra será de todos, bem como o dinheiro e tudo que atualmente pertence a cada um. Com base num fundo comum, constituído por todos os bens, nós, mulheres, sustentaremos vocês, administrando com economia e pensando em tudo. (ARISTÓFANES. *Ekklesiazousai*, vv. 590-595. Trad. Maria de Fátima Silva)*

*Valentina* – (dirigindo-se aos espectadores)

*Para começar, todos terão de entregar seus bens ao Governo, para que todos tenham partes iguais desses bens e vivam deles; não é inevitável que uns sejam ricos e outros não tenham onde cair mortos; que uns tenham a seu serviço uma porção de escravos e outros não sejam sequer donos de si próprios! Instituiremos uma só maneira de viver, igual para todos! [...] A terra será de todos, bem como o dinheiro e tudo que atualmente pertence a cada um. Com base num fundo comum, constituído por todos os bens, nós, as mulheres, sustentaremos vocês, administrando com economia e pensando em tudo. (ARISTÓFANES. *Ekklesiazousai*, vv. 590-595. Trad. Mário da Gama Kury)*

## **A cidade como uma família**

Ninguém, assim, segundo a protagonista e como visto acima, faria mais nada por necessidade, pois tudo pertenceria a todos: comida, bebida, roupa e as demais coisas. As mulheres seriam comuns a todos os homens; cada um poderia ir com qualquer uma e ter filhos de quem quisesse. Também não haveria mais questões judiciais, pois ninguém teria necessidade de contrair dívidas ou de roubar.

Aristófanes talvez estivesse ridicularizando as ideias comunistas de algum filósofo contemporâneo, mas o texto cômico não se refere diretamente a nenhum, o que não é o procedimento natural da comédia. O que aparece mais nitidamente para nós são os decretos mirabolantes. É o que podemos ler na discussão entre Cremes, que obedece às leis da cidade, e um homem que não quer dispor de seus bens, por desconfiar dessas mesmas leis. Enquanto Cremes afirma que se devem obedecer às leis, o homem diz que não está acostumado, nem ele nem a cidade de Atenas, a dar algo, mas apenas receber, pois até mesmo os deuses estendem as mãos em sinal de súplica, quando os devotos lhes solicitam algo. Diz ainda que o povo vota uma lei, mas não a cumpre, e que, todos os dias, vê semelhantes decretos serem publicados, para, logo em seguida, tornarem-se sem valor (vv. 765-813). Ele quer ir ao jantar comum, mas deixaria para entregar os bens depois, pois queria ter certeza de que todos entregariam e que essa lei iria durar por algum tempo. Mas seu desejo mesmo é conservar os bens particulares e partilhar os bens comuns (v. 871 s).

Podemos verificar que tais leis são semelhantes em muitos pontos em Platão e em Aristófanes (POMPEU, 2011). Há, no entanto, a correção da filosofia de Sócrates, que regula os casamentos pela eugenia e não permite a união entre pais e filhas ou entre mães e filhos. Em Aristófanes, a proibição está restrita à união entre pais e filhas, ao que parece, pois, no final da peça, a jovem que se vê abandonada por seu amante, graças à nova lei, que dá prioridade às mais feias e velhas, diz que “se esta lei for estabelecida na terra toda, vocês (as velhas) a encherão de Édipos” (v. 1038 s.).

Em Platão, as mulheres terão educação semelhante à dos homens na música e na ginástica. Em Aristófanes, na nova lei estabelecida, Eros não ouve a prece dos amantes, os jovens. A lei vai contra a natureza, para igualar os direitos daqueles que naturalmente são diferentes – belos e feios, jovens e velhos.

Em *Lisístrata*, então, já se encontram ideias semelhantes às da *Assembleia de mulheres*, no que diz respeito à união dos gregos como um todo; em *Tesmoforiantes*, é o próprio sexo feminino que está em questão e a sua exploração pela tragédia de Eurípides, numa referência à artificialidade do teatro com seus atores travestidos em mulheres. Em *Assembleia de mulheres*, parece haver uma crítica à artificialidade das uniões sem Eros e talvez da convenção em se considerarem parentes os que, na verdade, não o são, numa destruição da família, como ela era tradicionalmente. Platão parece criticar a valorização do parentesco biológico sobre o da convenção. É o que, de alguma maneira, está registrado no *Banquete*, em que Aristófanes faz seu discurso sobre as metades dos seres duplos e sua procura desesperada, e é criticado no discurso de Sócrates, através de Diotima. De modo geral, o que podemos ver em comum nos dois autores é o reconhecimento da mulher como parte importante da *pólis*, como ser pensante e, principalmente, como mães.

## **A comunidade dos bens**

Praxágora diz que porá seu projeto para funcionar já. Ficará na ágora recebendo os bens dos cidadãos para o fundo comum. E neste mesmo dia haverá o jantar coletivo. Blépiro sai com ela, orgulhoso de mostrar que é o marido da líder. E Cremes diz que irá pegar suas coisas para levá-las à praça pública.

Então há uma dança do coro, no ponto em que deveria haver a parábase, que, a partir dessa peça, não existe mais. As principais mudanças nessa última fase da comédia antiga grega se dão na participação do coro, que, apesar de dar nome à peça, *Ekklesiazousai*, “As mulheres que se reúnem na Assembleia”, tem substancial redução nas intervenções. É a primeira peça que não traz a parábase, longo interlúdio coral em que o poeta, através do coro, se dirigia ao público do teatro ateniense, aconselhando-o, censurando-o, fazendo o próprio elogio em relação aos concorrentes e pedindo o voto, pois se tratava de um concurso de comédias, no festival de Dioniso.

Cremes reaparece com um escravo transportando as suas coisas para a ágora. Um homem o interroga sobre suas intenções, e diz que ele é tolo em obedecer a tais leis. Quanto a ele, só entregará seus bens depois que todos entregarem, uma vez que é comum que todos recebam, até os deuses, mas ceder algo, ninguém quer. Esperar um pouco é sábio, pois pode acontecer algo, como uma calamidade ou uma nova lei. É que, para o povo, votar é fácil, mas na hora de cumprir a lei é bem mais difícil. Uma mulher arauto convoca todos para o jantar, descrevendo os pratos e as bebidas para atrair o povo. O homem, que não quer entregar as coisas, anima-se todo para o jantar e vai, mas continua sem levar suas coisas, pois quer comida de graça e que suas coisas sejam só suas.

Uma velha aparece na janela de sua casa, toda arrumada, esperando a passagem dos homens que vêm do jantar coletivo. Uma jovem surge na janela vizinha, as duas se insultam e, depois, começam a entoar cantos amorosos, à espera dos amantes. Os insultos intermedeiam o lirismo dos cantos. As duas fingem se retirar, quando entra em cena um rapaz, que vem para a casa da jovem. Ela abre a janela e os dois se comunicam por um canto apaixonado. Mas, quando o moço está prestes a entrar na casa de sua amada, a velha vizinha o toma à força, dizendo que ela tem direito a ser satisfeita primeiro, de acordo com a nova lei. Só que, em seguida, surge uma velha mais feia ainda, afirmando que é ela quem vai levá-lo; e finalmente uma terceira velha, que é um verdadeiro monstro, entra reclamando o seu direito. O rapaz, maldizendo-se, é levado por esta última.

Uma serva procura seu patrão para o banquete. O coro, segurando tochas nas mãos, faz o cortejo, seguindo o feliz conviva. A chefe do coro se dirige aos espectadores e pede aos juízes do concurso que não esqueçam, na hora da atribuição do prêmio, essa comédia, que é a primeira a ser encenada naquele festival. O coro e Blépiro fazem convites a todos que quiserem ir



ao banquete comer à vontade, negando o convite no final da fala, por duas vezes. Todos saem cantando.

## **As traduções de *Assembleia das mulheres*<sup>2</sup>**

Em português, há duas traduções mais difundidas da peça: uma de Portugal, de Maria de Fátima Silva, *As mulheres no parlamento*, e outra do Brasil, de Mário da Gama Kury, *A revolução das mulheres*, ambas têm edição de 1988.

A tradução brasileira (1ª edição em 1964), apesar de fluente, contém cortes e significativas alterações no final da peça, comprometendo sua interpretação. As principais alterações acontecem na cena final, em que Praxágora, a protagonista de Aristófanes, deixa a cena. Na tradução adaptada por Mário da Gama Kury, Valentina, nome dado pelo tradutor a Praxágora, “a que age na ágora”, continua em cena e resolve a contenda entre as velhas e a jovem pelo rapaz.

*Inegavelmente fluentes, suas traduções carecem de uniformidade. No caso do teatro, às vezes traduz em versos, às vezes em prosa, não é consistente quanto ao léxico, apresenta uma certa tendência à paráfrase e a transliteração dos nomes sempre causou espécie na academia, mas é difícil encontrar quem não o tenha lido. (DUARTE, 2016, p. 53)*

No texto de Aristófanes, após a cena do homem que não quer entregar os bens ao novo governo, mas quer usufruir do jantar comunitário, aparece a indicação DO CORO, que, na tradução de Maria de Fátima Silva, está apenas CORO sem nenhum texto. A participação do coro é reduzida nessa peça, que é considerada de transição para a Comédia Intermediária ou Média. Certamente, o coro apresentaria danças e cantos alheios à peça, para entreter o público nos entreatos. Mário da Gama Kury preenche essa lacuna com a descrição de um cenário recriado por ele, em que Valentina e uma Secretária observam e comentam os resultados da nova lei. No texto original de Aristófanes, Praxágora não aparece mais.

*(Horas depois. Novo cenário representando duas casas fronteiras numa rua que vai desembocar numa praça próxima. No meio da rua, uma mesa, a cuja cabeceira estava sentada Valentina, tendo ao lado uma secretária).*

**Valentina** – *Até agora as coisas funcionaram perfeitamente bem. Os homens portaram-se como deviam, levando os seus bens à praça pública para constituir-se o fundo comum e foram todos ordeiramente ao jantar coletivo. Vejamos agora como se comportam as mulheres, pois se as coisas não derem certo com elas vai ser um caso sério.*

**Secretária** – *Estou ansiosa para ver como os homens vão reagir à “lei da prioridade”, que as coroas acharam o máximo! (abre-se a janela de uma das casas, aparecendo uma velha muito pintada e vestida com exagero). Parece que a experiência vai começar! O meu receio é que as mulheres não se entendem quando se trata dos homens... (ARISTÓFANES. *A revolução das mulheres*, 1988, p. 81-82)<sup>3</sup>*

A partir desse ponto, o texto segue em parte o original, cortando as canções e incluindo as interferências de Valentina e a Secretária. Vejamos primeiro cada trecho na edição de Maria de Fátima Silva, que traduz de forma mais literal o texto de Aristófanes, e, a seguir, comparemos com a versão de Mário da Gama Kury:

**Primeira Velha** (*debruçada na janela*)

*Então os homens não aparecem? Já são mais que horas! E eu aqui à espera, de braços cruzados, coberta de pó de arroz e toda emperiquitada. Lá vou trauteando entre dentes uma modinha, para dar um ar da minha graça, a ver se pesco um desses fulanos que aí passam. Musas, venham cá, poisem nos meus lábios, inspirem-me uma dessas cançonetas à iónica. (ARISTÓFANES. *Mulheres no parlamento*, vv. 876-883)*

Na tradução de Mário da Gama Kury, o que a velha diz no original é complementado pelo comentário de Valentina:

**1.ª Velha** – (*da janela*)

*Por que será que os homens ainda não apareceram? O tal de jantar coletivo já deve ter acabado há muito tempo... (a velha cantarola na janela)*

**Valentina** – *Aquela ali parece prontinha para executar a lei: toda pintada e enfeitada, dando a maior sopa, cantarolando e rebolando. (ARISTÓFANES. *A revolução das mulheres*, 1988, p. 82)*

A seguir, aparece a moça na janela da casa vizinha:

**Moça** (que assoma a outra janela)

*Desta vez passaste-me a perna, sua carcaça! Já pendurada na janela, hã!... Julgavas tu que, na minha ausência, eram favas contadas. Que caçavas algum com a cantiguinha! Queres música? Então eu também tas canto! E se isso chateia os espectadores, pelo menos não deixa de ter uma certa graça e de ser divertido. (ARISTÓFANES. *Mulheres no parlamento*, vv. 884-889)*

Na versão de Mário da Gama Kury, é a Secretária que descreve a cena do aparecimento da moça na janela.

**Secretária** – (apontando para a janela da casa em frente) *É, mas a coisa não vai ser muito pacífica, pois um broto já apareceu naquela janela e está olhando para a velha com cara feia.*

**Uma Moça** – (da janela da casa em frente, dirigindo-se à velha) *Desta vez você chegou primeiro para se pavonear aí na janela, velha sapeca! Você queria aproveitar enquanto estivesse sozinha aí para fisgar algum distraído!*

(ARISTÓFANES. *A revolução das mulheres*, 1988, p. 82)

O tradutor acaba por cortar as referências à canção, que servirá como um *agón*, disputa verbal, entre as duas, a velha e a jovem, sobre a competência sexual. Vejamos o grande trecho da canção em que uma responde à outra, numa disputa.

**Primeira Velha** (fazendo um gesto obsceno)

*Olha, vai te lixar! Põe-te na alheta! (ao flautista) Vamos lá, flautista, pega na flauta, meu amor, e acompanha-me numa cançoneta cá à nossa moda. (Canta com acompanhamento de flauta.)*

*Quem quiser saber o que é bom*

*Venha comigo para a reinação.*

*Essa não é arte de jovens criaturas,*

*mas vocação de mulheres maduras.*

*Ninguém como eu saberia amar*

*o homem a quem me entregar.*

*Outra qualquer o havia de fintar.*

### **Moça**

*Não invejes o viço das moças.  
A paixão está guardada  
No veludo das coxas,  
Floresce na doçura do peito.  
Mas tu, velha carcaça,  
sem pelo e bem caiada  
só à morte dás proveito.*

### **Primeira Velha**

*Que a coisa te rebente,  
caia a cama no chão,  
quando te entregas ao calor da paixão.  
E, no teu leito, abraçada contigo,  
esteja a serpente,  
quando julgas enlaçar o teu amigo.*

### **Moça**

*Infeliz, que sorte será a minha?  
O meu amor não vem!...  
Pobre de mim, que aqui fico sozinha!  
Até a minha mãe saiu também.  
(à parte, recitado.)  
Do resto é melhor nem falar!  
(cantando de novo)  
Vá avozinha, peço-te com favor,  
Chama o Falógoras,  
-- que te faça o serviço --  
chama o Falógoras, chama, por favor!  
Como na Iónia, da mesma maneira,  
-- oh infeliz! -- lá te vem a coceira.  
(à parte, recitado.)  
Até lambes tu já lambias, à moda de Lesbos!  
(cantando de novo)  
Os meus prazeres, matá-los,  
tu? Não pode ser!  
Os verdes anos, arrasá-los e roubá-los,  
tu? Não, não vai acontecer.  
(ARISTÓFANES. *Mulheres no parlamento*, vv. 890-923)*

Na versão de Mário da Gama Kury, a canção desaparece e sua letra se mistura com os outros insultos que as duas desafiantes trocam nos trechos seguintes, até a chegada de um rapaz à cena.

*1.ª Velha – Cara não resolve, franguinha! O que resolve é... competência!*

*Uma moça – Você vai ver o que é que resolve!*

*1.ª Velha – Não adianta, meu anjo! De acordo com a nova lei, nenhum homem poderá ir com você antes de entrar aqui... na casa da gostosona!*

*Uma Moça – Só se for para o enterro, para levá-la para o cemitério, sua múmia! Nem com essa pintura e esses enfeites todos!*

*1.ª Velha – Afinal, por que você veio falar comigo?*

*Uma Moça – E você, por que está aí na janela, cacarejando?*

*1.ª Velha – Ora essa! Vim ver as autoridades ali naquela mesa. Naturalmente vieram observar a aplicação da lei, para não permitir transgressões de atrevidas iguais a você. Além disso estou satisfeita da vida, transbordando de entusiasmo cívico, esperando alguém que goste de mim!*

*Uma Moça – Só se for algum necrófilo!*

*Valentina – É agora! Lá vem um homem para cá! As duas vão pegar fogo!*

*1.ª Velha – (que também percebera a aproximação do homem, dirigindo-se à moça) É, gracinha? Pois você vai ver! Já está chegando o meu homem!*

*Uma Moça – Não é você que ele vem procurar, espantalho!*

*1.ª Velha – É sim!*

*Uma Moça – Que múmia pretensiosa! Vou até entrar para não ver o susto que ele vai tomar!*

*A moça retira-se da janela.*

*1.ª Velha – Eu também vou entrar. Vamos ver quem tem mais charme! A Primeira Velha retira-se da janela. Aproxima-se um rapaz.*

*Valentina – (dirigindo-se ao rapaz) Que deseja o cidadão?*

*Um Rapaz – Eu queria saber onde mora uma pequena muito boa, morena, miudinha. (baixando a voz) Quero ver se consigo ir direto a casa dela, sem ter de passar por alguma velha horrorosa!*

*Valentina – Não senhor! Até agora o senhor seguiu a lei, porque lhe*

*convinha: comeu do bom e do melhor, de graça, no jantar coletivo, mas agora quer burlar a lei. Nada disso!*

**Secretária** – *Lá vem a velha! Até eu me assustei.*

**1.ª Velha** – *(saindo de casa e correndo para o rapaz) Você está me procurando, meu amor?*

**Um Rapaz** – *(recuando, assustado) Eu?*

**1.ª Velha** – *Você sim, bonitão! Vejo o desejo reluzindo nos seus olhinhos!*

**Um Rapaz** – *(À parte) Antes uma boa morte! (À parte) deve haver algum engano... (ARISTÓFANES. A revolução das mulheres, 1988, p. 82-83)*

A confusão cresce com a chegada de uma segunda velha mais feia que a primeira e, depois, de uma terceira velha ainda mais feia, que reclama por seus direitos de prioridade. Mário da Gama Kury modifica a conclusão da peça, fazendo a protagonista resolver a disputa entre as velhas e a jovem:

*Valentina põe a mão no queixo, refletindo sobre a situação. Contempla novamente o rapaz; de repente põe as mãos nas cadeiras, com ar de quem tomou uma decisão.*

**Valentina** – *Muito bem! Diante da intransigência das cidadãs e tendo em vista o artigo da lei segundo o qual os casos omissos serão resolvidos pela chefe do governo e, mais ainda, que o espírito da lei é mais importante que a sua letra... (dirigindo-se ao Rapaz) Quantos anos tem o seu broto?*

**Um Rapaz** – *Uns vinte anos.*

**Valentina** – *(passando a mão vaidosamente no cabelo e ajustando a roupa).*

*Então esse cidadão não vai nem com a moça nem com as senhoras. A moça tem vinte anos, as senhoras devem ter uma média de sessenta, vinte mais sessenta, igual a oitenta, oitenta divididos por dois, igual a quarenta (a mamãe aqui tem mais ou menos quarenta...) (segurando o Rapaz gentilmente pelo braço) Venha comigo! Resolvi o seu caso, agora você vai resolver o meu! (À parte) Afinal de contas eu não ia fazer essa revolução para aprontar a cama para outras deitarem!*

*(ARISTÓFANES. A revolução das mulheres, 1988, p. 90-91)*

Ao que parece, Valentina vai além, para fazer a seguinte afirmação: “Afim de contas eu não ia fazer essa revolução para aprontar a cama para outras deitarem!”. Bem ao gosto da maioria dos políticos de todos os tempos.

## Considerações finais

Após comparar trechos seguidos das duas traduções de *Assembleia das mulheres* de Aristófanes, observamos que ambas são boas traduções, e que Mário da Gama Kury recriou a peça mais do que propriamente traduziu, ao fazer com que Valentina vá além de Praxágoras, introduzindo uma voz a mais do que a do poeta na comédia: a voz do tradutor, que expressou algo de seu próprio país, o Brasil, no golpe militar de 1964, quando publicou a primeira edição da sua tradução da peça *A revolução das mulheres*. Aristófanes e suas mulheres servem de máscara para o tradutor, assim como as mulheres serviram de máscara para Aristófanes, conseguindo falar de temas proibidos aos homens durante os golpes oligárquicos em Atenas.

## Referências bibliográficas

### Documentação escrita

ARISTÓFANES. A revolução das mulheres. In: ARISTÓFANES. *A greve do sexo (Lisístrata) e A revolução das mulheres*. Trad. Mário da Gama Kury. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988./ Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

\_\_\_\_\_. *As mulheres no parlamento*. Trad. Maria de Fátima Sousa e Silva. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988.

ARISTOPHANES. *Aristophanes Comoediae*. Trad. F.W. Hall and W.M. Geldart. Oxford: Clarendon Press, Oxford, 1907. v. 2.

### Bibliografia

DUARTE, Adriane da Silva. Por uma história da tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil. *Translatio*, Porto Alegre, n. 12, p. 43-62, dez. 2016.

POMPEU, Ana Maria César. *Aristófanes e Platão – A justiça na pólis*. São Paulo: Editora Biblioteca 24 Horas, 2011.

\_\_\_\_\_. Tradução: Excerto de *Assembleia de mulheres* de Aristófanes. *Transversal – Revista em Tradução*, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 84-87, 2016.

## Notas

<sup>1</sup> Tradução: excerto de *Assembleia de mulheres* de Aristófanes (POMPEU, 2016).

<sup>2</sup> *Assembleia das mulheres*, título que vamos adotar na nossa tradução.

<sup>3</sup> A partir dessa citação, não informaremos mais os versos na tradução de Mário da Gama Kury, pois não há correspondência exata com a numeração do texto original grego.